

07-07-2021

BELL HOOKS**Chiara Lages**

[Bibliotecária]

Bibliotecárias são andarilhas. Entre as estantes dos livros e seus mistérios, caminham muito e sempre a passos lentos. Nunca olham para o chão, sempre para os lados, um e outro um e outro. Por isso às vezes tropeçam. Não em algum livro, pois esses são sempre alados e elevados. Tropeçam em algum taco solto, em algum fio de cabelo ou em seus próprios pés.

No final das tardes alguns livros as chamam.

Bibliotecárias (mesmo aposentadas como eu) são chamadas pelos ouvidos, pelos olhos, pelas mãos e algumas vezes quando olham para um dos lados dos corredores sentem um leve beliscão ou um discreto arrepio descendo suas costas. É algum livro que quer ser retirado da estante. Bibliotecárias nem sempre são espíritas, mas sempre são espirituais. Minha hipótese é que essas coisas do crepúsculo fora das bibliotecas acometem os livros do prenúncio da noite, onde dormirão sem serventia. Poderão até dialogar entre si durante a madrugada, mas gostariam de um toque de suas guardiãs antes de irem embora para terem assunto até o amanhecer. Quando sai o sol e as portas das bibliotecas se abrem, os livros sorriem entre eles pela cumplicidade das conversas da noite passada.

Por serem espirituosas além de espirituais, as bibliotecárias gostam de ser provocadas por aqueles que as amam. E que são plenamente correspondidos.

Foi assim que numa dessas tardes, ao passar num dos corredores olhando para a *Pedagogia da Indignação* de Paulo Freire, senti um arrepio emanado da estante ao lado. Estava lá o livro de bell hooks me chamando: *Ensinando a transgredir – a educação como prática da liberdade*. Conhecia o livro mas não me recordava de sua relação com Paulo Freire. Sempre deve haver uma razão para essas provocações de meus tesouros.

Estava lá, naquela edição de 2013 da Martins Fontes, logo na primeira página: *“Ser capaz de recomeçar sempre, de fazer, de reconstruir, de não se entregar, de recusar burocratizar-se mentalmente, de entender e viver a vida como processo, como vir a ser...”* Paulo Freire.

Entendi que a chamada de bell hooks foi para celebrar o centenário do mestre educador nesse ano de 2021.

bell hooks, assim mesmo com letra minúscula, é o apelido adotado por Gloria Jean Watkins [inspirado no nome da avó materna Bell Blair Hooks] visando destacar o conteúdo dos seus escritos e não a sua pessoa.

Atendendo ao apelo do livro, iniciei a leitura e rascunhei umas notas. Esses dias, reencontrei-a.

bell hooks, referência no feminismo negro internacional, escritora, poeta, pensadora crítica renomada, mais de 30 livros, produção científica extensa, analista social conceituada com depoimentos críticos em filmes (veja), documentários, palestras públicas, dentre outros.

Interessei-me pelos estudos da interseccionalidade de raça, capitalismo e gênero como capazes de produzir e perpetuar sistemas de opressão e dominação de classe.

Defende que racismo, sexismo, capacitismo, classismo, xenofobia, fobias de gênero e intolerâncias sociais de diversas naturezas se inter-relacionam, entrecruzam-se em combinações múltiplas, potencializando e garantindo a permanência dos sistemas opressores.

bell hooks nasceu em Hopkinsville/Kentucky/EUA (1952). Seu pai era porteiro e a mãe empregada doméstica, tendo estudado em escolas públicas racialmente segregadas. Menciona em seu livro o profundo impacto da convivência com professoras negras deste sistema escolar segregado, mas que transmitiam "paradigmas libertadores", na construção de suas ideias e atitudes. Cresceu entre lavradores negros, que trabalhavam a terra na produção de trigo, milho, tabaco, soja; muitos não eram alfabetizados e dependiam dos racistas para explicar, ler e escrever, visto que a mecanização no campo avançava e as elites agrárias implantavam o ensino técnico para suprir a necessidade de treinamento da mão de obra no manejo de máquinas e insumos agrícolas. hooks começa a escrever poemas aos 10 anos e sua vida toma outro rumo quando, após a Escola Secundária, uma bolsa de estudo lhe possibilita concretizar a licenciatura em inglês na Universidade de Stanford em 1973. Trabalhando como operadora de telefonia, aos 19 anos, inicia o livro "Não serei eu Mulher?", no qual examina os efeitos do racismo e do sexismo sobre as mulheres negras. Após a conquista do voto pelos negros (1965), hooks questiona, inclusive, as feministas brancas apontando que alguns aspectos da sensibilidade burguesa não tocavam as mulheres negras visto as profundas diferenças criadas pelas políticas de raça e classe social, como o sufrágio das brancas desde 1920. Assim, hooks avança na luta pela "reestruturação cultural do poder" (veja). De sua obra, depreende-se indignação, clamor pela decolonização, por um basta à opressão. bell hooks provoca, catalisa envolvimento, desenvolve o pensamento crítico, "ensina a transgredir".

■ ■ ■

Fonte: hooks, bell. *Ensinando a transgredir: A educação como prática de liberdade*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017. 283 p.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.